



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1337>



“E a frente de nossa casa cheia de índios!”: a fonte oral como instrumento de construção da memória e história de Itaporanga (SP)

Rafaela Sales Goulart*

ORCID 0000-0001-7118-1601

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, Brasil

Fabiana Lopes da Cunha*

ORCID 0000-0003-1065-9741

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos, Brasil

Resumo: Esta entrevista foi desenvolvida a partir do Angra Doce: potencial do desenvolvimento turístico e inserção regional no Pacto Global (eixo temático Patrimônios), projeto coletivo que envolveu docentes e discentes de instituições de pesquisa do estado de São Paulo [Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e Universidade de São Paulo (USP)] e do Paraná [*Universidade Estadual do Norte do Paraná* (UENP) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)], sociedade civil organizada, o *Cities Program* (UN) e setor político e empresarial. A produção documental se deu em razão da relevância do entrevistado em Itaporanga, município localizado no sudoeste paulista. Professor e historiador, João Batista de Magalhães Castilho (1935-2020) vivenciou, herdou e pesquisou acontecimentos que contribuíram para a construção da memória e história do seu lugar de origem, ainda carente de fontes primárias e de bibliografias para estudos científicos. Na entrevista, o Sr. Castilho narra aspectos de sua vida pessoal junto a assuntos como a fundação da cidade de Itaporanga a partir da sua casa, herança de seu bisavô, último sucessor do Frei Pacífico de Montefalco e diretor do aldeamento indígena de São João Baptista do Rio Verde. Posteriormente ao falecimento do entrevistado, a fonte oral e nossa pesquisa contribuíram para a abertura do Casarão e Museu Histórico, Cultural e Genealógico da Paulistânia Professor João Castilho, inaugurado em 9 de setembro de 2022.

* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). E-mail: rafa_historia@hotmail.com.

* Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). E-mail: fabiana.cunha@unesp.br.

Palavras-chave: História. Itaporanga. São Paulo. João Batista de Magalhães Castilho. Memória. Patrimônio cultural.

"And the front of our house full of Indians!": the oral source as an instrument of construction of memory and history of Itaporanga (SP)

Abstract: This interview was developed based on Angra Doce: potential for tourism development and regional insertion in the Global Compact (thematic axis Heritage), a collective project that involved professors and students from research institutions in the State of São Paulo [Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) e Universidade de São Paulo (USP)] and Paraná [*Universidade Estadual do Norte do Paraná* (UENP) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)], organized civil society, the Cities Program (UN) and the political and business sector. The documentary production occurred due to the relevance of the interviewee in Itaporanga, a city located in the southwest of São Paulo. Professor and historian João Batista de Magalhães Castilho (1935-2020) experienced, inherited, and researched events that contributed to the construction of the memory and history of his place of origin, which still lacks primary sources and bibliographies for scientific studies. In the interview, Mr. Castilho recounts aspects of his personal life along with subjects such as the founding of the city of Itaporanga from his home, inheritance from his great-grandfather, the last successor of Frei Pacífico from Montefalco and director of the indigenous village of São João Baptista do Rio Verde. After the interviewee's death, the oral source and our research contributed to the opening of the Professor João Castilho Historical, Cultural and Genealogical House and Museum of Paulistânia, inaugurated on September 9, 2022.

Keywords: History. Itaporanga. São Paulo. João Batista de Magalhães Castilho. Memory. Cultural heritage.

Introdução

No dia 17 de setembro de 2018, Fabiana Lopes da Cunha encaminhou Rafaela Sales Goulart à cidade de Itaporanga (SP) para realizar uma entrevista com João Batista de Magalhães Castilho (conhecido como "professor João Castilho" ou "Seu João"), bem como para estreitar parcerias estabelecidas a partir do projeto coletivo "Angra Doce: potencial do desenvolvimento turístico e inserção regional no Pacto Global" (eixo temático Patrimônios), que envolveu docentes e discentes de instituições de pesquisa do estado de São Paulo [Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) e Universidade de São Paulo (USP)] e do Paraná [*Universidade Estadual do Norte do Paraná* (UENP) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)], sociedade civil organizada, o *Cities Program* (UN), e setor político e empresarial.

A entrevista foi realizada em função da relevância local atribuída ao entrevistado que, à época com 83 anos de idade, possuía informações e acervo documental pessoal sobre a história de Itaporanga. O roteiro de perguntas dessa, que seria uma primeira conversa com o entrevistado, foi elaborado com vistas a coletar dados gerais sobre sua

vida e realidade, sobre o contexto histórico e cultural. A constituição da fonte oral, assim, confluíu interesses da Universidade (pesquisa e atuação qualitativa junto à sociedade civil), do entrevistado (exercício da cidadania pela rememoração e compartilhamento da história vivenciada), bem como do setor político-administrativo local (a memória e a história para fortalecimento identitário do município e para elaboração de projetos turístico-culturais).

Na casa do entrevistado, local onde o trabalho foi realizado, estavam presentes Cassiano Godoy (Secretário de Turismo e Cultura de Itaporanga), Gabriela (funcionária da Secretaria de Turismo e Cultura de Itaporanga) e Alaíde Vilela (prima segunda do entrevistado; professora de português aposentada; membro do Conselho de Turismo de Itaporanga). Como se perceberá, em alguns momentos estas pessoas tornaram-se interlocutoras da narrativa produzida.¹

Acerca do que foi compartilhado na produção memorialística (a paixão pelas canções cantadas na escola no contexto do final da Segunda Guerra Mundial; as impressões sobre a experiência profissional no período da ditadura militar brasileira; a história do surgimento do município; o catolicismo local etc.), destaca-se o temor do entrevistado, de que após seu falecimento, os herdeiros (filhos de seus irmãos já falecidos) vendessem sua casa localizada no centro de Itaporanga, tornando-a um prédio comercial. Tal sentimento foi despertado quando ele rememorou a história que sua mãe contava sobre o lugar, que alude à fundação de Itaporanga junto ao aldeamento indígena São João Baptista do Rio Verde.

O referido episódio de suas memórias, por sua vez, contribuiu ao processo de criação do Casarão e Museu Histórico, Cultural e Genealógico da Paulistânia Professor João Castilho, inaugurado em 9 de setembro de 2022 (após o falecimento do entrevistado em 1 de setembro de 2020), o que demonstra a fonte oral como instrumento de negociações sociais na construção da memória e história de Itaporanga. Nesse sentido, optou-se aqui pela sua divulgação a fim de contribuir, a partir dela, com projetos de pesquisa acerca da memória e história local/regional – que ainda possui escasso espaço nos meios de divulgação científica –, servindo também para elaboração de políticas públicas locais e como material pertinente às discussões dos campos teórico-metodológicos da história oral, história pública e do patrimônio cultural.

Entrevista

Rafaela Sales Goulart (RG) – [...] Gostaria que o senhor contasse sobre sua história de vida, sobre sua trajetória desde a infância.

João Batista de Magalhães Castilho (JC) – Eu sou filho de Oscarlino Figueiredo

1 Elas serão referenciadas ao longo da entrevista pelas iniciais dos seus nomes.

Castilho e Maria Cristina Castilho, nasci aqui em Itaporanga, no dia 28 de abril de 1935. Fiz o curso primário em Itaporanga. E, como aqui não havia ginásio naquela época, fui pra Botucatu, onde fiz ginásio, colegial e faculdade. [...] Eu saí daqui em 1950. Depois de formado, eu fui para Itapeva, lecionei em Itapeva de 66 até 80, depois me removi para Itaporanga e aqui lecionei de 80 até 98, onde me aposentei.

RG – E com relação aos seus avós paternos, maternos?

JC – Meus avós eu não os conheci. Meu avô materno é nascido em Itaporanga e avó materna nascida em Capão Bonito. O avô paterno em Itaporanga e a avó paterna em Itaporanga também. [...] Agora os bisavós, tenho um bisavô que veio da Espanha, paterno. O restante veio de Minas Gerais, do lado paterno. E do lado materno, o meu bisavô veio de Minas, a esposa dele de Santa Catarina, minha bisavó. E o outro bisavô da Itália, e a outra bisavó de Itapeva.

RG – E quais as atividades eles exerciam, seus avós, seus pais? Com relação a trabalho, que atividades em geral eles exerciam?

JC – Comerciantes e lavradores.

RG – Sim. O senhor possui irmãos?

JC – Nós éramos em cinco. Mas, quatro já faleceram e só eu fiquei.

RG – E seus irmãos, eles moravam aqui também?

JC – Eles moravam em Itaporanga e, depois, a minha irmã mais velha foi morar em Botucatu, e o outro irmão mais velho foi morar em Curitiba, e o outro era frade franciscano e, quando faleceu, morava em Ilha Solteira, era pároco em Ilha Solteira.

RG – Sim. E quais são os nomes deles?

JC – A minha irmã mais velha é Maria de Lurdes, o segundo Celso, o terceiro que é o frade, frei Arnaldo, e depois eu, e depois a Luiza.

RG – Sim. O senhor é ou já foi casado?

JC – Não.

RG – E sobre... aprofundando um pouco mais nas suas experiências profissionais na

área da educação, o que o senhor gostaria de me contar?

JC – No começo, quando eu era estudante, eu trabalhei nos Correios, trabalhei 12 anos nos Correios. Naquele tempo era Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos em Botucatu. Depois que eu terminei a faculdade, eu deixei o serviço federal, que era o correio, e fui para o magistério e lecionei de 67, 6 de março de 67, até dezembro de 97.

RG – E qual é a área de formação do senhor?

JC – História. [...] Eu fiz Ciências Sociais em Botucatu, naquele tempo se chamava Instituição Toledo de Ensino. E depois eu complementei História em São Paulo, na FAE.

RG – Queria que o senhor me contasse como foram essas experiências. Os contatos que o senhor estabeleceu dentro de sua profissão, as pessoas que o senhor conheceu. Se existiram dificuldades, quais foram elas? O que o senhor vê, também, de positivo na formação do senhor?

JC – Depois de formado, eu sempre aproveitei e fiz cursos de férias para aumentar mais o conhecimento. Então, fiz vários cursos em São Paulo. Comecei lecionar em Itapeva. Não me lembro de ter tido dificuldade, porque naquele tempo nós não tínhamos problema com aluno, como tem nossos colegas hoje. Naquele tempo não havia. Então, foram anos felizes como professor e eu sempre gostei da profissão. Se existir reencarnação, o que eu não acredito [riso], mas se existir, eu vou voltar professor, eu quero voltar professor. Sempre tive bom contato com os alunos.

RG – E com relação aos seus colegas?

JC – Muito bom relacionamento, sempre tive com eles.

RG – E tem alguma outra pessoa que o senhor gostaria de citar nessa trajetória? Algum colega de trabalho que foi importante?

JC – Ah! Todos foram. Todos foram.

RG – Sim. O senhor me falou de cursos de férias. Como funcionavam esses cursos? O que era exatamente?

JC – Alguns eram promovidos pela Universidade de São Paulo e outros pela Faculdade Anchieta, que era dos jesuítas. E esses cursos, eu sempre fiz cursos de psicologia da

educação e também sobre história, relacionados à história.

RG – E qual é a área da história que o senhor mais gosta de estudar, gostava de estudar? E desses cursos que o senhor fez, qual área que o senhor gostava mais?

JC – [...] Olha, para ter um contato mais amplo com os alunos, eu preferia, eu gostava muito de lecionar história antiga, porque atraía muito. Naquela época, a história antiga era dada para quinta série, sexta série, e eles se interessavam muito por Egito Antigo, mitologia grega. Então a gente percebia, assim, que atraía demais os alunos. Agora no colegial eu gostei muito de história da América. Em 80, eu fiz um curso em São Paulo, promovido pela Secretaria da Educação [...]. Ia ser implantado a história da América no colegial, então eles prepararam alguns professores do Estado. E eu fui por Itapeva, eu lecionava em Itapeva. E gostei muito do curso e depois gostei também de trabalhar com história da América, que abrange o nosso continente, não é?

RG – Sim. O senhor pegou também a época da ditadura no Brasil?

JC – Ah sim! Foi terrível.

RG – E como que foi essa experiência para o senhor?

JC – Nós éramos orientados a saber o que falar na sala de aula, porque muitas vezes era mal interpretado. Nós tivemos até colegas que foram mandados embora, porque achavam que estavam brigando contra o regime e a gente ficava sabendo das pessoas que tinham sido dispensadas, porque não estavam correspondendo às exigências da educação da época, não é? Então, foi um período muito... para o professorado foi um período bastante pesado.

RG – Sim.

JC – Principalmente professor de história, de geografia, português também. Porque naquela época, se você falasse mal dos Estados Unidos, você era comunista. Eu me lembro que quando eu fui prestar o concurso, uma das questões era sobre a interferência norte americana na América Central, e eu fiquei pensando: “Eu falo a verdade ou não falo?”. Daí eu me lembrei de um versículo da Bíblia que diz: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Daí eu pensei, vou falar tudo o que eu sei e falei. E eu passei [risos].

RG – E esse foi o primeiro concurso que o senhor prestou?

JC – Eu prestei dois concursos, passei nos dois. Em 78 eu fiz o primeiro e passei, escolhi Itapeva. Depois em 80, eu fui tão bem em 80, porque a gente está com a cuca fresca, não é? Nossa, fui tão bem [...] que eu podia escolher a melhor escola de Sorocaba. Na relação das escolas pra escolha, foi muito boa. Mas é pelo fato de que é psicológico, não é? Eu não precisava daquele concurso, eu fiz só para o currículo, sabe?

RG – Sim. E sua infância, seu João? Voltando mais para o tempo de sua infância, o que o senhor gostaria de falar?

JC – Ah, foi uma infância tão pacata! Tão gostosa! Itaporanga naquela época... Sabe do que que eu tenho saudade? Eu frequentei a escola na época da Guerra, Segunda Guerra Mundial, porque o Brasil entrou em Guerra e em 42 foi o ano que eu entrei para a primeira série. E nós cantávamos, no orfeão da escola, canções militares. Então eu tenho muitas saudades dessas canções: Cisne Branco, o canto da marinha é o Cisne Branco, não é? Tinha o da aeronáutica também. E canções guerreiras também, porque o espírito nosso era bélico, não é? O Brasil estava em guerra. Então, eu tenho saudade das músicas da infância, da escola. O que eu sinto falta hoje, não se comemora mais as datas cívicas, como no meu tempo, não é? Porque agora mesmo 7 de setembro, me deu uma saudade muito grande do “Já podeis da pátria filhos”, que era o canto do 7 de setembro, todo mundo cantava nas escolas e nas comemorações cívicas. Eu acho falta disso também. Eu tive uma infância muito boa aqui em Itaporanga.

RG – E com relação à sua família, na infância, como era a convivência?

JC – Era muito... meus pais muito queridos, tinha aquele carinho para com os filhos, não é? Os parentes, a gente visitava os parentes. Naquele tempo, havia muita visita. Eu me lembro que aqui em casa, à noite, os amigos da minha mãe e do meu pai vinham nos visitar e ficavam conversando até altas horas. A tia da Alaíde mesmo, vinha a dona Benita com seu Eugênio, ficavam aqui até tarde batendo papo. Nós íamos na casa dos outros também, minha mãe era prima do pai dela, da Alaíde, eu me lembro bem das visitas que a gente fazia, o que acabou, não é? Porque hoje você vai, está todo mundo preso na televisão, quando não... Eu estava outro dia dizendo o seguinte [riso], que quando eu ia no hospital da Unesp em Botucatu, e a gente ficava ali na sala de espera para ser atendido pelos médicos, a gente percebia que a mulherada levava tricô ou crochê, e ficava o tempo todo fazendo tricô ou crochê. Agora elas não levam mais, agora é só com celular, fica o tempo todo mexendo no celular. Eu disse: Ah, meu Deus, eu tô mesmo... [risos].

RG – [...] Então desde a infância, o senhor mora nesta casa?

JC – Nesta casa, nesta casa. O bisavô meu, que é bisavô dela também, da professora Alaíde, ele foi o último sucessor de Frei Pacífico na direção do aldeamento indígena, porque Itaporanga nasceu de uma missão indígena. Eu vou deixar depois com você isto aqui [mostra texto impresso], um resumo que eu fiz para os meus alunos em 90, que é um apanhado geral de como surgiu a cidade. E também isso aqui [mostra texto impresso] que fala sobre a família Castilho, que veio para cá de Minas Gerais, de que ele [Cassiano] também descende [...]. Tem uma das senhoras aqui, que é irmã do meu bisavô, Maria Júlia.

C – Maria Júlia, minha bisavó.

JC – Então... Ah! Do meu bisavô, não é? Então, esse Joaquim José Vilela de Magalhães, ele foi o último sucessor de Frei Pacífico na direção dos índios, era dono desta casa. Minha mãe contava que ela era menina, e ia visitar o avô, e a *frente de nossa casa cheia de índios!* E aqui dentro, nesta sala mesmo, sentado, atendendo aos índios, fornecendo remédio. Ele tinha uma paixão pelo trabalho que ele exercia como sucessor do Frei Pacífico, como diretor dos índios. Então, esta casa depois vovô herdou do pai dele. Depois minha mãe herdou do vovô e... eu fiquei, ficou comigo. É a casa mais antiga de Itaporanga, que está em pé, é esta aqui. Eu só temo o seguinte, na hora que eu partir, os herdeiros que vão vendê-la. E eu sei de gente que está doido pra comprá-la, pra desmanchá-la e fazer um prédio de comércio, entende? E é uma judiação, porque isto aqui a prefeitura poderia comprar e transformar num museu.

C – É!

JC – Não é? Veja a frente, os janelões, porque quando eu reformei a casa, quando eu reformei, eu só troquei essas paredes internas, era de pau a pique, eu tirei e coloquei tijolos. Mas, não mudei nada, a posição delas é a mesma. Só que, ao invés de ser pau a pique é de tijolo. E alguém vendo a reforma, falou assim: “Por que que você não tira esses janelões e não coloca um vitrô?”. Eu disse assim: “Pra que? Pra descaracterizar a casa? De jeito nenhum!” [risos]. “Vou deixar como ela é mesmo”.

RG – Então essa casa tem bastante história.

JC – Tem. Essa casa aqui é histórica!

A – Para quem não entende de cultura, tira e põe o janelão, o vitrô.

RG – O senhor acabou me falando um pouco de alguns aspectos do início da história da cidade. Mas, eu gostaria que o senhor me falasse mais sobre a história da cidade, a

fundação, aquelas informações que o senhor me passou do quadro [quadro que João mostrou quando cheguei em sua casa].

JC – No dia primeiro de setembro de 1843, na fazenda Pirituba, que fica entre Itapeva e Itararé. Nessa fazenda morava o Barão de Antonina, tinha uma casa grande, era a residência do Barão de Antonina. E nesse primeiro de setembro de 1843, ele recebeu a visita de um grupo de índios que morava nas cercanias de Itapeva. Esses índios foram pedir socorro para ele, para o Barão, porque eles, de um lado, eram perseguidos pelos brancos que tomavam suas terras; do outro lado, escassez de caça, desmatamento, não é? E daí o Barão ficou preocupadíssimo com a situação dos índios e no dia seguinte, no dia 2, ele mandou uma carta para o presidente da Província de São Paulo, pedindo para que ele fundasse na região uma missão indígena, nos moldes daquelas que os jesuítas tinham. Só que demorou muito para vir uma resposta do presidente da Província de São Paulo. Então, o que que ele fez?: Estas terras aqui onde se localiza Itaporanga pertenciam a ele, ele era o dono dessas terras. Então ele doou... parece-me que 800 alqueires para a fundação de uma missão. E escreveu para o Dom Pedro II, pedindo missionários para poder cuidar do aldeamento indígena, não é? Então o Império mandou três missionários, um deles ficou aqui em Itaporanga, que foi o fundador: Frei Pacífico de Montefalco. E a caravana que veio pra cá pra fundação da cidade, saiu de Itapeva, da Fazenda Pirituba, no dia 16 de agosto de 1845. E, de canoas, desceram o Rio Verde. Desceram o Rio Verde e quando chegaram aqui em Itaporanga, desceram de suas canoas na margem esquerda do Rio Verde. E aqui, no dia 21 de agosto de 1845, foi fundada a missão indígena que passou a se chamar: São João Batista do Rio Verde. Depois ela mudou o nome para Rio Verde e, finalmente, Itaporanga. Então, Itaporanga nasce de uma missão indígena. Agora, na época, nós tínhamos em Sorocaba aquela grande feira de gado muar, e os tropeiros que vinham de Minas Gerais [tosse] entraram em contato, nesta feira, com outras pessoas que moravam nesta região e que passavam por esta região, que nós quase que estamos dentro do caminho das tropas, o caminho das tropas passava por Itararé e Itapeva, até Sorocaba, não é? E quando, já na feira de gado, esses mineiros ficaram sabendo que essas terras aqui do Vale do Paranapanema eram terras férteis e, com isso, as notícias chegaram em Minas e era época da decadência da mineração. O solo mineiro não é apropriado para lavoura, montanhas, não é? A região das alterosas. Então eles transferiram-se para Itaporanga, pra essa região aqui, e aqui eles foram tomando posse das terras, comprando, tomando posse. E os primeiros habitantes de Itaporanga foram os índios, foram mineiros. Nossos ascendentes mesmo, meu, dela [Alaíde], dele [Cassiano], vieram de Minas.

RG – O senhor sabe a região? [...] A região de Minas, que veio a maior concentração de...

JC – ...eu não sei o nome da cidade. Era perto de Pouso Alegre, aquela região...

A – Mais no Sul de Minas.

JC – Eu não sei se Pouso Alegre localiza-se no Sul, eu não me lembro o nome, eu sei que eram mineiros. Vieram pra cá, vieram família inteira, traziam aqui. No histórico [texto compartilhado por João], fala que eles traziam carros, mudança em carros de boi, cargueiros, as crianças vinham em cargueiros, e eu sei que eles traziam comida para um ano, sabe? Porque iam se aventurar aqui, traziam sementes, traziam gado. E essa gente batalhou, chegou aqui e venceu. Nós estamos aqui representando eles, não é? Então vieram os nossos primeiros habitantes aqui, depois dos índios, são os mineiros.

RG – E qual é a etnia?

JC – Guarani. Eles chamavam de Kaiowás, mas depois alguém me disse que kaiowá é um ramo Guarani mesmo. Quando a gente estava na escola, a gente aprendia que Itaporanga foi povoada, a missão indígena era para os índios Kaiowás. Mas depois alguém me disse que não se usa mais, fala Guarani, porque eles eram Guarani.

RG – E com relação às... o senhor me falou de algumas famílias tradicionais daqui. O senhor gostaria de falar de mais alguma família? Alguma história?

JC – Aquelas que se destacaram na política?

RG – De um modo geral.

JC – As famílias antigas daqui [...], nós temos a família Gonçalves, que trouxe para cá a Igreja Presbiteriana, do Coronel Inácio, que trouxe a Igreja Presbiteriana, isso na década de 30 já. Nós tivemos a família, que foi importante também no campo político, do Coronel Vicente Russo do Amaral [...]. O meu, do nosso bisavô também, que era esse que sucedeu a Frei Pacífico. A família Mendes também, não é? Quem mais você se lembra? [pergunta a Alaíde].

G – Nogueira.

A – Não, Gurgel, da Dona Marica. Do seu Mário.

JC – Do seu Vicente Gurgel.

A – É, Vicente Gurgel.

JC – É, família Vicente Gurgel, família Mendes, família Vilela, família... Nós temos dois ramos de Mendes...

A – ...Gonçalves de Oliveira, não é?

JC – ...tem os Mendes que descendem do Coronel Macedo, que dá nome à cidade vizinha, e os Mendes que não são parentes, mas também teve destaque.

RG – E essas famílias estão relacionadas à política?

JC – É, a família Carvalho também, do Seu Aparício, foi prefeito, não é?

A – Fiuza, não é? A dele é Fiuza ou é Carvalho?

JC – Fiuza Carvalho. Aparício Fiuza de Carvalho.

A – O Bernardino lá, do... do pai do tio... do avô da Neide, da Zuleide, do tio Cásinho lá... Bernardino.

J – Ele era parente do...

A – ...do pai do Aparício.

J – É, isso mesmo, Bernardo Fiuza, não é?

A – É.

RG – O pessoal aqui me falou que nessa região também foi caminho dos revolucionários de 32.

J – Foi.

RG – O senhor conhece alguma coisa que poderia compartilhar com a gente sobre essa...

JC – ...a revolução de 32, nós ficamos na fronteira, não é? Santana já é Paraná, é só atravessar o rio e eles já entravam em São Paulo, aqui entrou muito gaúcho, a invasão aqui foi grande. Agora, por Itararé também, não é? Agora, batalhas mesmo que se destaca, nós não tivemos, tivemos em... como é que chama?... Tivemos em Bori,

Taquarituba também. Mas aqui em Itaporanga foi mais pacífica a invasão, embora diz que foi bombardeada, não é? Seu Leôncio...

A – Sim, Seu Leôncio...

JC – Seu Leôncio conta que foi bombardeada.

RG – Quem conta?

JC – Seu Leôncio, é um senhor que está comemorando este ano, 100 anos.

RG – Ah, é? É Leôncio do que?

JC – Ferreira.

RG – E com relação aos aspectos econômicos da cidade?

JC – Quando eu era garoto, na minha infância, o que trazia dinheiro para Itaporanga era o algodão. A plantação de algodão aqui era imensa, a gente via caminhões carregando fardos de algodão. Depois, passou a ser feijão, inclusive, Itaporanga passou a ser chamada de celeiro paulista de tanto feijão que saía daqui. Agora ela está mais diversificada, não é? Agora é gado, como que chama aquela plantação agrícola agora? É estufa, não é? Estufa também. Mas, no passado foi agricultura mesmo: algodão, feijão.

RG – Os seus pais trabalharam com isso? Seus avós? Na lavoura?

JC – E no comércio também. Quando eu era criança, meu pai tinha bar.

RG – E quanto tempo [...] o senhor lembra?

JC – Não. Os meus irmãos mais velhos é que usufruíram mais, sabe? Eu já peguei pouco tempo.

RG – Sim. E o que o senhor teria para falar da educação do município?

JC – A educação aqui sempre foi boa, sempre mesmo. Tanto que quando eu fui pra Botucatu, eu prestei exame de admissão, todo mundo achava que eu não passaria, porque eu tinha vindo de Itaporanga. E eu passei. Então, a educação sempre foi boa e parece-me que continua. A gente vê o estilo dos professores, não é? Então eu acho que continua.

A – Aqui, diz que era um dos melhores do Estado de São Paulo. Aqui se aprendia francês, álgebra e etc. [...] A mamãe e a Dona Dita falava muito isso.

JC – Inclusive, receberam medalhas da Olimpíada de matemática.

A – Sim.

JC – Não só de matemática, agora mesmo física, vai um grupo pra Sorocaba, se eu não me engano. A educação vai bem.

RG – E com relação aos aspectos culturais da cidade?

JC – Olha, quando eu era criança, nós tínhamos um clube em Itaporanga e esse clube tinha uma biblioteca muito rica. Depois, foi uma decadência, não sei qual seria a causa, que a gente era criança e não percebia. E a biblioteca, como diz o povo, a Deus dará, não é? Roubavam livros, carregavam livros e foi extinta. Nós tivemos no passado de Itaporanga um jornal muito bom chamado *Fronteira* e, também, a gente vendo os exemplares da época, como o povo de Itaporanga era culto. Tínhamos poetas, a sessão do Clube Recreativo tinha solenidade, por exemplo, da semana da pátria, sabe? Do dia da cidade. Era uma cultura muito desenvolvida. Depois passamos por uma decadência. A gente espera que volte a ser o que foi.

RG – A que o senhor atribui essa decadência?

JC – Você sabe que eu já procurei uma causa e não consegui ainda, não sei qual seria, porque o povo é o mesmo. Não é, Aláide? O povo é o mesmo? Qual seria a causa dessa decadência? Mas, o pessoal, eu tenho um livro de atas do Clube, você fica encantado de ler. E havia também um intercâmbio muito grande nesse Clube com as autoridades da época. Era médico que fazia palestra, era juiz de direito, era promotor, professores daqui da cidade. Eu sei que foi um período riquíssimo para o desenvolvimento da cultura.

RG – Qual foi esse período?

JC – Década de 30, 40. 20, 30 e 40 [do século XX].

RG – E o tempo de existência desse jornal que o senhor comentou?

JC – Que época?

RG – É.

JC – Parece-me que foi de... parece-me que ele terminou com a Revolução de 30. Parece que terminou com a Revolução de 30.

A – A Revolução que terminou?

JC – Porque os donos do jornal eram da política contrária e eles tiveram que fugir de Itaporanga, se não seriam presos e, com isso, acabou o jornal.

A – Naquela época a política era ferrenha. Conta para ela que a política era muito...

JC – Ah... a política aqui foi sempre terrível, só para você ter uma ideia, naquele tempo em que a Igreja estava unida ao Estado, as eleições eram organizadas na Igreja, o prédio que eles escolhiam para a realização das eleições era a Igreja. E aqui, em uma das eleições, mataram uma pessoa na Igreja, político contrário foi morto na Igreja, tanto que ela esteve interditada por um determinado tempo. Aqui a política era muito quente mesmo. Hoje não mais, não é?

A – Não!

JC – Mas aqui foi da pessoa receber ameaça de morte. Política muito quente.

RG – Tem mais alguma coisa relacionada à política, assim, que o senhor gostaria de falar?

JC – Não. Hoje, com relação ao passado, hoje está em paz, não é? Mas, no passado foi terrível.

RG – [...] O senhor poderia me falar o que senhor considera como patrimônio histórico?

JC – Olha, o que está em pé ainda, que a gente considera como patrimônio, é o Mosteiro, não é? É o Mosteiro que é um cartão de visita, não é? E a Alaíde considera que essa casa aqui também...

A – Essa casa também.

JC – Ela considera, certo? Agora, o que eu sinto é de Itaporanga não ter manifestações folclóricas, como tem em outras cidades aí. Por exemplo, lá na região de Botucatu, quando eu estudei, meu Deus do céu, Folia do Divino, eu cheguei a participar, que coisa linda! E aqui não tivemos. Eu soube que Riversul teve Folia de Reis. Agora, Dom

Estevão contava, Alaíde, que Itaporanga tinha... como que chama aquela manifestação folclórica de negros?

RG – Moçambique?

JC – Outra.

RG – Congada?

JC – Congada! Diz que no Bairro dos Remédios tinha Congada. E um dia eu conversei com um senhor que era lá dos Remédios. Eu perguntei, ele disse: “Tinha, sim”. Porque lá tinha muito negro. Remédios era um Bairro que mais negros tinha em Itaporanga e eles tinham a Congada. Ele chegou a ver a apresentação deles.

RG – Bairro dos Remédios?

JC – Dos Remédios. Não existe mais o Bairro dos Remédios. Com o êxodo rural o Bairro acabou, compraram as terras, é latifúndio, então até que a Igreja foi desativada, e os negros de lá que eu não sei pra onde foram. Mas a Congada acabou.

RG – Sim. O senhor estava me falando do Mosteiro, não é...

JC – Sim, o Mosteiro.

RG – O que o senhor gostaria de me falar sobre essa história relacionada ao Mosteiro?

JC – A vinda dos padres para Itaporanga foi muito boa para o município, porque eles chegaram aqui, colocaram as terras que pertenciam à Igreja, que foram passadas pra eles, eles passaram a cultivá-las. Então se cultivava trigo, centeio e demais cereais. E, também, eles montaram uma olaria e eles fabricaram todos os tijolos que foram usados na construção da Abadia e da Igreja, foram feitos pela Olaria deles. Então, tinha Serraria. Então, eles empregaram muita gente. Muita gente foi empregada e isso aí foi positivo aqui para nossa cidade. Depois, com o fim daquela maravilha de prédio, que é a Igreja, não é? Que é o próprio Mosteiro. Então foi positiva a chegada deles. Eram todos alemães. Todos alemães. Aos poucos eles foram aprendendo o português e foram muito úteis para a Paróquia, para a cidade.

RG – E essa olaria foi desativada quando?

JC – Não, eles venderam.

RG – Foi vendida?

JC – Venderam. Foi uma pena, porque a partir do Concílio Ecumênico do Vaticano II, houve uma decadência nas vocações religiosas. Então, os Conventos perderam candidatos e candidatas e, por isso, eles perderam. Não entrou ninguém mais. Por exemplo, quando eu era criança tinha 56, quase 60 membros no Mosteiro. Hoje tem pouquíssima gente, não é? Não tem vocações. E não é só na Abadia aqui, é nas outras Ordens Religiosas. No Brasil, os seminários estão vazios.

RG – E teria alguma outra Igreja que o senhor conhece?

JC – Então, a segunda Igreja que nós tivemos, fora a Católica, é a Presbiteriana. A terceira foi a Congregação Cristã do Brasil e depois só mais tarde que vieram as demais. Depois vieram Assembleia de Deus, Testemunhas de Jeová e as outras demais Igrejas pentecostais, não é? Que nós temos aqui: Deus é Amor, Brasil para Cristo, e outras cujos nomes não me recordo. Mas o catolicismo aqui é muito forte, muito forte mesmo.

RG – Eu desconheço um pouco dessas práticas dentro do catolicismo. O senhor tem alguma coisa para me informar, para me falar sobre essas práticas do catolicismo? O que o senhor sabe?

JC – Não, o que tem de bom aqui são os Retiros, que eles promovem para a juventude, no carnaval principalmente. Outros encontros da Diocese que são realizados aqui, a cidade é escolhida para ser a Sede desses encontros. E... é muito bonita aqui a Semana Santa, o Natal também, as celebrações, a Festa do Padroeiro São João Batista. É o que se destaca.

RG – Essa festa do Padroeiro tem há muito tempo?

JC – Ah! Toda a vida. Tem a toda a vida. Nós crescemos participando da Festa de São João.

RG – E como que funciona essa festa?

JC – Com quermesse. Depois, no dia do Santo, a procissão. Mas, no passado, era mais bonita. Naquele tempo, a lenha tinha um valor muito grande, porque os fogões não eram a gás, não é? O fogão era a lenha. Então os sitiantes presenteavam, davam como prenda lenha. E essa lenha vinha em carro de boi e a chegada dos carros de boi era muito bonita, porque vinha banda de música, os carros enfeitados, os bois enfeitados, e muito foguete. Era uma festa! Entrava aqui pela rua principal e ia parar lá perto da

Prefeitura, por causa que a festa era aonde hoje é a Sede da Congregação Mariana, fica ali do lado da Prefeitura. Depois lá tinha almoço com os carreiros que traziam a lenha, depois tinha o leilão da lenha. Era muito bonito. E quando a gente ficava na rua principal, a gente ficava na janela vendo passar.

A – Posso abrir um parêntese? Esqueceu do barulho que fazia.

JC – Ah! Porque era carro de boi mesmo. Então vinha cantando, era uma madeira que eles colocavam...

A – ...não engraxavam para esse dia, não é?

JC – É! Vinha cantando, muito bonito! É... e interessante, a mãe da gente mandava a gente levar prenda lá pra festa e você não saía sem comer doce. Eles faziam latas e mais latas de 20 litros com doce de batata, de abóbora, de laranja, de sidra, de mamão e dava para as pessoas que levavam prenda. E, também, no dia da procissão, eles entregavam saquinhos coloridos, não é? De doces para as crianças. Hoje não dá para fazer mais isso porque a população cresceu. Naquele tempo, éramos poucos.

A – Posso abrir outro parênteses?

JC – Pode.

A – Tio Horácio contava que eles faziam roupa uma vez por ano e que todos faziam roupas para o dia de São João. Nas barraquinhas [...] todas vestidas com o vestido novo, da mesma cor.

JC – Uma espécie de uniforme, não é?

A – Uma espécie de uniforme.

JC – Aquelas que atendiam nas barracas, não é? Barracas enfeitadas, não é? Com guirlandas, bandeirinhas, flores. Era muito lindo naquele tempo!

RG – Que legal. E hoje em dia, como que é?

JC – Ah! Hoje é mais simples, não é, Alaíde?

A – É, uma transição, porque agora trouxeram de lá para cá.

JC – Bandeirinha não faltava.

RG – Tem mais alguma celebração que o senhor se lembra, de antigamente?

JC – Foi a chegada dos Pracinhas, me marcou muito, sabe por quê? Porque eu tinha uma voz muito boa. Eu estava no grupo, na quarta série. E nós cantamos, pela primeira vez, na chegada dos Pracinhas, a Canção do Expedicionário. E eu, o solo, eu que fazia. Então me marcou muito, foi muito linda, foi muito comovente a chegada dos expedicionários, foi aqui em frente ao Clube, aqui na minha rua. Uma multidão esperando. Vinham da guerra, eram heróis de guerra, não é? E nas escolas, nós éramos preparados para receber os heróis que estavam chegando da guerra. Então a gente cantou aqui com um fervor muito grande a canção do expedicionário. Até hoje, quando eu canto, eu me lembro da época.

RG – E falando dessa questão da música, que parece que o senhor gosta tanto, não é?

JC – Gosto muito, principalmente de músicas natalinas. Como eu gosto do período de Natal, porque as músicas de Natal mexem com a gente, não é? E gosto de canções pátrias também.

RG – E aqui na cidade, tem algum artista, nesse sentido?

JC – Olha, nós temos uma pessoa importantíssima, pena que não ficou aqui, ela foi embora quando criança, mas nasceu aqui. É o compositor de “Tristeza do Jeca”, o Angelino de Oliveira, nasceu aqui em Itaporanga. Depois você [Gabriela] mostre para ela a casa que ele nasceu, tem a placa, fica ali perto da Prefeitura. Ele não só compôs “Tristeza do Jeca”, mas muitas outras canções caipiras. Ele é daqui de Itaporanga. Sabe de quem ele é parente, Alaíde?

A – Não sei.

JC – Do vizinho.

A – Qual vizinho?

JC – Da Casa Tinta Cor ali, Maria Inês Lara, da Aneja... A dona Joana com seu Aparício eram primos dele. Então temos ele. Tivemos um famoso, que era irmão do Oscarzinho, não é?

A – Isso que eu ia falar, do Expedito...

JC – ...o Expedito...

A – ...tocava nas melhores orquestras do Brasil [...] Saxofone, não é?

JC – É.

A – Pistão.

JC – Pistão. Nós tivemos banda de música. Na nossa infância era muito boa. Hoje, infelizmente não temos...

A – ...a cidade ficava retumbada de som, ali na esquina do... onde é aquela loja de calçados, morava o Oscarzinho.

JC – É! Era ali que ensaiavam, daqui de casa ouvia.

A – Meu pai nasceu em 1903 e ele era artista de teatro.

JC – Tocava nas festas.

RG – Qual era o nome do seu pai?

A – Marcílio Vilela. Angelo Volf também trabalhava em teatro, não é?

JC – Quem?

A – Angelo Volf. Também foi famoso no teatro.

RG – Então teve uma companhia de teatro aqui também?

JC – Teve, tivemos. Lá no passado, bem atrás, depois tivemos de novo, não é Alaíde?

RG – Quando que foi isso?

A – É velho, meu pai era de 1903, mais de cem anos e já tinha teatro aqui.

JC – É uma pena que perdemos isso, não?

A – Porque a sociedade, no meu ver, se dividia em intelectualizados e não, não era isso?

JC – É. O irmão dela mesmo tinha um grupo de teatro com os alunos, não é?

A – É.

JC – Famoso o grupo de teatro.

A – Tinha uns 40, 50 que tinha.

JC – E você, está satisfeita com a entrevista?

RG – Estou.

JC – Valeu? [riso]

RG – Estou terminando ainda, vamos continuar [risos]. [João acena afirmativamente].
E com relação ao turismo na cidade? Existe alguma...

JC – ...o turismo agora que estão desenvolvendo, não é? E a gente está com uma esperança muito grande para que se desenvolva, não é Alaíde? [Alaíde acena positivamente]
Inclusive, os itaporangenses de fora estão muito entusiasmados, já chegaram até ligar para mim. Alguém mandou um panfleto, sabe? Você viu esse folheto ou não?

A – Sim.

JC – Vocês têm ainda lá? [pergunta à Cassiano e Gabriela].

C – Sim.

JC – Depois eu quero que vocês me mandem, me arrumem para eu mandar para as pessoas, pra saber. Estão interessados. Agora, eu estou preocupado com uma coisa: Itaporanga não tem comida no domingo.

C – É.

A – A preocupação é essa.

JC – Não tem restaurante. Eles dizem que com a crise ninguém come fora e eles tem prejuízo. Pode ser muito, não é?

C – Eu acho que não, eu acho que é mais falta de informação [...]. Eu acho que é mais

falta de preparação e informação, eles não se preparam para abrir no domingo, não fazem uma divulgação, não trabalham. Se o senhor for pegar o carro e dar uma volta, for até Taquarituba ou for até o pesqueiro que tem aqui em Salto, o senhor encontra todo o pessoal que a gente conhece lá. Sexta-feira em Taquarituba no rodízio de pizza, domingo no pesqueiro que tem ali em Taquarituba, no restaurante que tem ali no posto de gasolina, é cheio de gente. Então, eu acho que mais falta é a preparação, que é o que a gente, nós com o Comtur [Conselho Municipal de Turismo], estamos trabalhando com eles nessa questão de trazer um DNA gastronômico da cidade, a gente fez um levantamento aí do que são os pratos típicos, tradicionais. E a gente vai começar agora com os restaurantes para isso mesmo, para eles trazerem esse DNA pra gastronomia, lembrando sempre dos monges, lembrando que temos aldeia indígena, então tem os produtos da aldeia. Então, trazer esse DNA pra gastronomia e fazer esse fortalecimento de fazerem eles abrir aos domingos, fazer um remanejo de carga de horário de funcionário. Porque o que eles alegam é que no domingo paga-se o dobro do que se paga para um funcionário no dia normal. Então é essa o que eles alegam. Mas, na verdade, é falta de preparação, de divulgação, de alinhar com a sociedade, porque na minha casa mesmo, se tivesse restaurante aberto, o meu pai com a minha mãe, eles pegam comida todo o domingo. Então, não é questão da crise não, porque eles vão para todos os outros lugares. É questão de criar mesmo esse hábito.

JC – Se fosse assim, as outras cidades não abririam.

C – Não abririam, não abririam.

A – Eu acho que é cultural.

JC – Me diga uma coisa, você toma licor ou não? [risos]

RG – Tomo.

JC – É caseiro. [pediu que chamem sua funcionária Solange para servir a bebida aos presentes]

RG – Seu João, retomando aqui. Como que o senhor se identifica com a história dessa cidade ou identifica a história da sua família?

JC – Olha, eu vou dizer para você, até 1980, nós itaporanguenses não sabíamos quando Itaporanga foi fundada. Sabia que ela foi fundada através de uma missão capuchinha, mas a data nós não tínhamos. Uns falavam que ela tinha sido fundada em 1844, outras 1845, só que o dia ninguém sabia. Em 80 eu estava fazendo um curso em São Paulo e

esse assunto entrou no curso, as cidades que comemoravam a fundação e tinha algumas cidades que também não sabia, não era só o caso nosso. Daí a professora disse-nos que fizéssemos um relatório, que fizéssemos uma pesquisa e a gente, eu fiz, uma pesquisa disso tudo lá no arquivo, no Instituto Geográfico de São Paulo [IHGSP], sabe? Eu fui lá e encontrei uma Revista no Instituto, que contava toda a história da fundação de Itaporanga.

RG – Como que foi essa pesquisa lá nesse arquivo? Como que o senhor desenvolveu essa pesquisa?

JC – Lendo as Revistas no Instituto Histórico e Geográfico lá, sabe? Eu fui no Arquivo Público do Estado [APESP] também e encontrei bastante coisa, cartas de Frei Pacífico. Só que lá não se falava nada. Mas lá no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo tinha uma Revista. E esta Revista, depois aqui você... [mostrou o texto]. Contava o diário de viagem de uma entrada que foi além do Paranapanema, de canoas que desceram o Rio Verde, entraram no Itararé, do Itararé no Paranapanema e continuaram. E nessa viagem, eles param aqui, fundam Itaporanga. Ela continuou, mas depois o Barão de Antonina, Frei Pacífico e os frades que acompanhavam, voltaram para a Fazenda Pirituba, certo? Porque daí eles tinham que construir a casa, a morada do Frei, demorou um pouco a fundação, o texto diz que foi 21 de agosto de 1845. E eu me vi, por causa disso, muito envolvido na história de Itaporanga e passei a pesquisar mais, me estimulou.

RG – E a compartilhar também, não é? Com seus alunos também, no seu trabalho.

JC – Está bom? [pergunta sobre o licor de cacau servido]

G – Um delícia!

RG – Muito bom.

C – Nossa, está muito bom mesmo!

A – É até famoso aqui!

JC – Eu digo que isso aí é amarula caipira.

RG – Como que o senhor faz ou é segredo? [risos]

JC – É só dando a receita. Mas é gostosa, não é?

RG – Muito boa! Muito boa! [risos]

JC – Agora eu gosto muito de licor de jabuticaba.

RG – É bom.

JC – Você faz também?

RG – Não.

JC – Mas é fácil, fácilimo.

RG – Geleia eu sei fazer.

JC – Sabe aqueles vidros de guardar bala, aqueles redondos? Você põe um quilo de açúcar, um litro de pinga e enche de jabuticaba. Você põe o açúcar, mexe bem a pinga para o açúcar dissolver. O açúcar refinado é melhor, viu? Do que o cristal. E depois de mexer bem, você enche de jabuticaba. Uns 10 dias, de vez em quando você dá uma chacoalhada. Ah, mas fica bom!

RG – Jabuticaba inteira?

JC – Inteira, não abre. Depois de 10 dias você pode jogar a jabuticaba fora, coa e pode servir, guardar na geladeira. Mas fica muito bom. Bom e bonito.

C – E é fácil de fazer.

JC – Fica *pink*. A cor é *pink*, muito gostosa!

RG – Eu conheci o padre Roberto hoje, em passagem ali pela Abadia e combinei de vir conversar mais com ele, para ele falar um pouquinho também...

JC – ...ele falou sobre a Abadia?

RG – Não, não deu tempo de conversar direito hoje.

C – O Seu João sabe tudo sobre a Abadia.

RG – O que o senhor poderia me falar da Abadia?

JC – Eu não sou... vou ser sincero, eu sei pouco sobre a Abadia. Porque sempre as pessoas se informam com eles, são os verdadeiros donos da história da Abadia. Então, não pesquisei muito, a gente só sabe que eles vieram para cá em 36, não é? De medo da perseguição nazista. Então eles já pensaram em fundar fora da Europa uma casa que, se precisasse todos se mudarem para cá, viriam, não é? E Itaporanga foi a chance que eles tiveram quando passaram pela Diocese de Sorocaba. Itaporanga pertencia a Sorocaba, à Diocese de Sorocaba, e o Bispo propôs para eles, eles aceitaram e vieram. Era um grupo bom, de padres irmãos, e construíram essa maravilha. Nós tivemos um passado muito grande de monges que eu já contei e já não temos mais, e o catolicismo forte que nós temos aqui, nós devemos a eles, que sempre trabalharam para o bem espiritual do povo.

RG – Sim. E eu visitei também o cemitério ali ao lado.

JC – Você não foi ver?

RG – Fui.

JC – Entrou lá?

RG – Entrei.

JC – Bonito, não é?

RG – Muito bonito.

JC – Está florido ou não?

G – Ele está lindo, agora que choveu está bem verde, está tudo muito vivo.

C – É muito bonito mesmo.

JC – Todas as pessoas que visitam se encantam.

RG – E vem muita gente para cá, para fazer a visita ali?

JC – Ah, vem! É muito visitado.

RG – Teve algum tipo de celebração ali que não tem mais hoje em dia? Alguma pessoa que passou pela Abadia e o senhor acha importante falar?

JC – Eu não me lembro.

A – Eu acho que as procissões perderam muito o estereótipo de tradicional, porque eram estereotipadas de tradicional. E agora, nesse ano, eu achei que retomou porque foi da Igreja à Igreja. Você se lembra que era lá e depois da Abadia voltava e fazia isso aqui.

JC – É, de lá, terminando aqui.

A – Mas, em todo caso, o trajeto era esse. Então, voltou às origens. Depois fizeram até pra semana santa, uma procissão dentro do cemitério.

RG – Como que funciona essa procissão?

JC – A procissão de Corpus Christi. Ela, no passado, ela saía da Igreja Bom Jesus e terminava na Igreja de São João. E depois isso foi extinto, fazia tudo em volta da São João. Agora voltou esse ano, saiu de lá e terminou aqui. E o pessoal gostou, não é, Alaíde?

A – Chegaram a levar até um senhor morto para dentro do cemitério, um tempo aí, não é?

[...]

G – Uma pessoa que eu acho que foi muito importante, seu João, que eu acho que o senhor poderia falar, se puder – desculpa [direciona-se à RG] – que é dom Estevão, não é? Que foi uma pessoa que é muito importante, que teve uma influência muito grande. O padre Osvaldo.

C – O padre Benedito.

G – O padre Benedito, que são pessoas que eu acho que o senhor teve mais contato com eles, não é? Que foram muito importantes, assim. Se o senhor pudesse falar um pouquinho sobre eles para gente?

JC – Mais alguma pergunta?

RG – O senhor gostaria de falar um pouquinho sobre essas pessoas que ela falou?

JC – O que sobre?

G – Dom Estevão, foi uma pessoa muito importante para o desenvolvimento, não é?

JC – Ele era missionário, então ele se envolveu muito com o povo da paróquia, não é? Tanto que fez uma falta muito grande. Quando ele faleceu... até hoje o pessoal falava: “Ah! Se você no tempo do Dom Estevão, era diferente, não é?” Ele era missionário mesmo, muito querido.

RG – O que que era diferente?

JC – Olha, para começar, ele abriu as portas do Mosteiro para o povo, porque quando na minha infância era muito restrito, não é? Eles lá dentro, nós aqui fora. Ele não, ele escancarou as portas do Mosteiro. O Mosteiro passou a fazer parte da vida do povo.

A – João Castilho, eu posso fazer uma observação? Eu acho, pelo o que eu vi, Dom Estevão trouxe as capelas, o povo da zona rural ele deu muita assistência, que se formou e fortaleceu todas as capelas. O que o anteriormente, porque o abade anterior era um alemão mesmo, falava até com muita dificuldade até, era um senhor de muita idade. E o Dom Estevão ele cresceu aqui, ele veio aqui mocinho e tal, e eu acho, eu não sei na sua opinião.

JC – Mas é mesmo.

A – Eu acho que ele fortaleceu as capelas da zona rural, por isso essa religiosidade que nós temos diferenciada em todos os nossos bairros.

JC – E é verdade mesmo.

A – Uma vez eu fiz uma pergunta para ele: “Dom Estevão, o senhor não acha que ficou, que faltou o senhor pensar um pouco na cultura do povo de Itaporanga, que o senhor sabe como que é?”. Ele falou: “De fato! Se a gente tivesse ensinado inglês, o alemão, acompanhado da religião, hoje a gente teria um povo bem melhor”. Ele falou pra mim. Achei bonita a resposta, não é? Porque eles podiam. Porque a gente criança, a gente aprendia tudo, não é, João? Se eles ensinassem grego, a gente ia aprender, entende? Porque os padres sempre dominaram a nossa sociedade.

RG – E com relação à Usina?

JC – A única coisa que eu sei delas é o que eu leio do jornal da cidade, mas agora eu estou por fora, você está por dentro ou também não está?

RG – Eu estou começando a pesquisar agora.

JC – Tô por fora, eu tenho o interesse em conhecer mais por dentro.

RG – Tem alguma indústria forte aqui na região ou alguma Usina hidrelétrica?

JC – O que tem, o que está dando emprego para o povo agora são umas oficinas de costura, não é? Tem uma cerâmica boa também, não é? Que eu me recordo.

RG – Mas é recente essa cerâmica?

JC – É.

RG – O senhor gostaria de falar mais alguma coisa que eu não perguntei ao senhor. De deixar registrado aqui nessa entrevista alguma coisa, alguma informação a mais?

JC – Não que eu me lembre, o que eu tinha de falar, eu já falei. Foi bem abrangente, não é?

[...]

RG – Então, para finalizar, eu agradeço imensamente sua contribuição à esta pesquisa, tanto através do tempo concedido, quanto das experiências relatadas. Obrigada, Seu João.

JC – Eu que agradeço, será que gravou?

RG – Sim.

Fonte oral

CASTILHO, João Batista de Magalhães [83 anos]. [set. 2018]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Itaporanga, SP, 17 set. 2018.

Recebido em 02/02/2023

Versão final rerepresentada em 15/06/2023

Aprovado em 20/07/2023

Contribuições dos autores: Goulart: realização e transcrição da entrevista e redação deste texto; Cunha: coordenação da pesquisa, orientação e revisão da entrevista e texto.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: na entrevista estavam presentes a prima segunda do entrevistado, que também integrava o Conselho de Turismo de Itaporanga (Alaíde Vilela – A), bem como o Secretário de Turismo e Cultura de Itaporanga (Cassiano Godoy – C) e uma funcionária da Secretaria de Turismo e Cultura de Itaporanga (Gabriela – G).